



Sua Majestade, o Juiz

Dimas Macedo

Premiado pela Academia Brasileira de Letras e aclamado pela crítica como um dos nossos melhores escritores, Jáder de Carvalho vem sendo reabilitado, por último, como romancista, a partir da reedição de romances como *Aldeota* e *Sua Majestade, o Juiz*.

Esse último livro, um dos pontos de relevo da obra literária do autor, foi publicado pela Editora Musa, de São Paulo, em 1962, e teve uma segunda edição feita por Manoel Coelho Raposo (Fortaleza, 2001), no centenário de nascimento do poeta.

Ao lado de *Aldeota*, constitui um dueto de livros que teve a maior repercussão, e que causou a mais acesa polêmica na vida cultural cearense do início da década de sessenta, mostrando-nos Jáder de Carvalho o quanto a longa ficção é uma linha de força capaz de revelar a beleza ou as grandes misérias de um povo.

Tanto *Aldeota* quanto *Sua Majestade o Juiz* tornaram-se no Ceará das décadas de 1960 a 1980 romances de leitura quase proibida, tendo parte de seus exemplares sido recolhida, ou adquirida por figuras da sociedade e da política cearenses para incineração ou destruição, numa tentativa de apagar as marcas da fraude e da corrupção que o romancista havia revelado.

Jornalista corajoso e sempre muito independente, Jáder de Carvalho nunca conseguiu apagar os vulcões que brotaram da sua alma de artista e de militante de esquerda que viveram à sombra do desassossego e da perseguição indiscriminada.

Não existe segmento da cultura, do jornalismo, da vida social ou da literatura cearense no qual ele não tenha atuado durante mais de meio século.

Nascido nos ásperos sertões de Quixadá e criado na região sul do Ceará, mais precisamente em Lavras da Mangabeira, onde o seu pai fora um dos luminares da educação do Município, conhecia, como poucos, o Ceará em todas as suas dimensões: seus usos e costumes, sua geografia e as suas lutas fratricidas, a sua religiosidade de caráter messiânico e sua identidade de nação castigada pela seca e pela esperteza das suas elites ociosas.

Foi com a visão de sociólogo, por exemplo, que ele construiu todos os seus romances, desde a estreia, em 1937, com *Classe Média*, até o seu triunfo definitivo com os romances: *Aldeota* e sua *Majestade, o Juiz*.



Socialista democrático, poeta genuíno e de linguagem essencialmente clara e convincente, Jáder de Carvalho foi um dos arautos do Modernismo no Ceará e um de seus representantes de maior relevo.

A partir de 1920, destacou-se por sua liderança de vanguarda no campo específico da literatura; nas décadas de 1930 e 1940, experimentou os rigores do Estado Novo e todas as formas de discriminação contra a sua liberdade; mas é certo que, nas décadas seguintes e até a sua morte, em 1985, arrebatou e conquistou para si a condição de ícone e símbolo do povo cearense.

Os poemas contidos em *Terra Bárbara* e *Terra de Ninguém*, dois dos seus títulos mais expressivos, estão entre as peças mais conhecidas e recitadas da nossa vida literária, o que lhe conferiu a distinção de Príncipe dos Poetas Cearenses.

O livro de Jáder de Carvalho, *Sua Majestade, o Juiz*, agora reeditado e disponível em versão e-book (Fortaleza: Armazém da Cultura) é, talvez, o mais expressivo romance do autor, ainda que não seja o mais conhecido de seus livros, no domínio da longa ficção.

No romance, Iguatu e a região central do Ceará, Santana do Cariri e Sobral, e a sociedade de Fortaleza do final da década de 1950, estão expostos com todos os seus vícios. A

seca, em suas páginas, aparece como fenômeno climático e fato social que tomam a boca de cena da ação romanesca, mas as mazelas do Poder Judiciário cearense são aquilo que chama a atenção dos leitores.

A corrupção, a fraude e o estelionato praticados pelos nossos magistrados, mormente por aqueles abrigados nas instâncias superiores da magistratura, a partir da reificação de suas consciências e da subserviência ao poder político estadual, legitimando os seus atos arbitrários, são os elementos que saltam do romance como poderosos instrumentos de denúncia.

A construção da personagem principal do enredo, o desembargador José Sampaio Nogueira, com os traços da deformação e da paródia, da alienação e de outros componentes extraídos da teoria crítica de viés marxista, sempre me pareceu um momento alto do romance cearense.

Esse recurso extremo do discurso de Jáder de Carvalho talvez tenha prejudicado a recepção dos seus romances por parte da crítica e da nossa historiografia literária, porque, entre nós, a derrota da dialética foi sempre maior do que em muitos estados do Brasil.

Menor do que o jornalista, o intelectual, o sociólogo e o poeta? Não, não é possível que isso seja uma tese que tenha alguma consistência. Particularmente, acho que o Jáder foi grande, muito grande, como romancista. E como romancista, importa que ele seja, agora, conhecido pelas novas gerações.

Como não vou entrar no enredo, nem antecipar a tessitura da trama, preparada inteligentemente pelo romancista, aproveito o ensejo desta resenha para louvar a iniciativas de divulgação desse livro de Jáder de Carvalho, escritor talentoso não apenas como romancista, mas como poeta, jornalista e sociólogo.

A todos, sugiro a leitura desse memorável romance, porque firmes as suas linhas de montagem, a força da sua narrativa e o seu indiscutível sentido de alusão e de paródia, condensados em linguagem literária madura e em estilo que se impõe ao gosto de todos os leitores.



Dimas Macedo - Fortaleza (CE) - é escritor, ensaísta, poeta, membro da Academia Cearense de Letras, jurista, professor, crítico literário, historiador e ex-professor do Curso de Mestrado em Direito da UFC.



II ENCONTRO DE ACADEMIAS DE LETRAS: DISCUTINDO CIDADANIA ATRAVÉS DA ARTE

Pelo segundo ano consecutivo as academias do Vale do Paraíba e Região Serana se reuniram para debater temas de relevância na área cultural e compartilhar experiências no II Encontro de Academias de Letras e Artes do Vale do Paraíba. O evento ocorreu na cidade de Jacareí no dia 8 de julho, sob organização da Academia de Letras da mesma cidade. Com a participação de acadêmicos, escritores e artistas de sete municípios da região (Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena e Campos do Jordão), o encontro promoveu palestras, debates e lançamentos de livros.

Discorrendo sobre leis de incentivo, cultura regional, arte, literatura e educação, os palestrantes abriram espaço para que escritores pudessem pensar sua arte tanto no contexto da produção e divulgação, quanto na parceria entre arte, educação e cultura a partir de experiências e histórias de sucesso. As academias, por sua vez, tiveram oportunidade para compartilhar experiências e tratar do papel de suas entidades no contexto contemporâneo, revisitar suas trajetórias e compartilhar propostas para o desenvolvimento e continuidade das mesmas.

A Academia de Letras de Campos do Jordão, entendendo a importância do desenvolvimento humano e de cidadania para a manutenção do futuro das entidades, falou da importância da implementação de Academias Jovens de Letras, trazendo como exemplo os resultados seis anos e meio de atividades com jovens escritores e leitores nessa cidade, projeto esse que já vê brotar sementes em outras cidades do Vale do Paraíba.

Educação, arte, cultura e literatura são elementos essenciais e devem estar à frente das discussões sobre a formação do ser humano como cidadão.

**Adriana Harger - Presidente da ALCJ -
Academia de Letras de Campos do Jordão**

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

**Contato: (11) 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br
Assinatura anual R\$ 150,00 e semestral R\$ 75,00.**

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555
Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-760.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



**Carlos Gouvêa, Débora Ribeiro
e Adriana Harger.**

divulgação

BURACO DAS ARARAS

Raquel Naveira

Como é lindo o Buraco das Araras. Fica no meio do cerrado, pertinho da cidade de Jardim, no Mato Grosso do Sul. Uma enorme cratera circular de areia, de pedregulhos rolados, de calcário fraturado, de rochas em colapso. Lá embaixo, os conglomerados de árvores, palmeiras, troncos ociosos, um fio de água. E centenas de araras em cortejo, geralmente aos pares, livre, soltas, seguindo seus instintos, fazendo ninhos nos vãos das pedras, buscando frutos e sementes de pequi e pimenta.

O termo "arara" vem do tupi e significa "ave de muitas cores". As araras têm cauda longa, bico curvado em forma de castanha, língua espessa, plumagem de coloração vibrante, vistosa: o vermelho, o verde, o azul-cobalto. Os olhos piscam entre pálpebras amarelas. Prontas para serem observadas pelas lentes do fotógrafo, capturadas nas telas dos artistas, desafiadas a nos causarem pasmo e choques visuais. Por causa desse fascínio que despertam, as araras foram sempre alvo de comércio clandestino, transportadas para todos os cantos do mundo, nas gaiolas, nos porões dos navios, nos caminhões em estradas poeirentas. Transformaram-se no símbolo da necessidade da proteção ambiental.

As araras cruzam a grande dolina, uma das maiores da América. Entre uma guampa e outra de tereré, o guia nos conta lendas e casos. O local era utilizado para desovar o que jamais deveria ser encontrado: corpos, carros, motos, armas, ossadas, carcaças, segredos funestos de um passado morto. Tudo ficava corroído, oculto, decomposto sob o rastejar dos jacarés e das sucuris.

Como são comunicativas, animadas e barulhentas as araras. Têm o dom do verbo, o enigma das línguas arcaicas, o poder da voz, das palavras cifradas como ordem de comando. Manifestam grandes acordos diplomáticos com o vento e as nuvens. Notas agudas num compasso de cristal. A cantora Teté

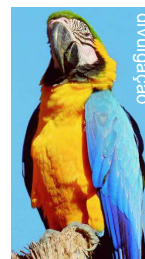
Espíndola (1954...), que tem pássaros na garganta, imita as araras, interage com elas à beira da erosão. Uma conversa curiosa, inteligente. Queria ter esse talento e dizer às araras que hoje estou melancólica, mas que ainda aguardo algo bom e extraordinário acontecer, que ainda corro atrás dos meus sonhos.

Maíra Carbonieri (1935...), advogado e juiz criminal, escreveu um romance realista, épico, intitulado *O Abismo*, sobre a imigração italiana em São Paulo, no começo do século XX, cheio de tipos humanos que desfilam como almas desprendidas de antigos álbuns. A metalinguagem, a paixão pela literatura, a psicanálise, o sexo como descoberta fatal do próprio ego, são alguns de seus temas. Quando perguntado sobre o porquê do livro chamar-se *O Abismo*, ele contou que, ainda adolescente, escorregou na borda de um abismo. A sensação de pavor, de voragem, de sorvedouro, de precipício, ficou impregnada nele para sempre.

O estado mental da queda, a legião de monstros no fundo do desbarrancado. O voo das aves agourentas. Agarrou-se a um galho de árvore até o salvamento. Relembrou então esse momento, imaginando a boca do abismo devorando tantas recordações violentas.

Quando cheguei na borda do Buraco das Araras (ele não tinha grades, nem mirantes como hoje), tive a experiência de dançar na quina do abismo. Olhei para ele e ele olhou para mim. Levaram-me a um abismo e não me esqueci. Mas as araras eram tão doces e azuis, que uma alegria imensa tomou conta de mim. Nunca amei tanto em minha vida.

**Raquel Naveira
- Campo Grande (MS) - é poeta, escritora e ensaísta.
Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras,
Academia Cristã de Letras de São Paulo e da Academia de Ciências de Lisboa.**



divulgação





SOB CORPO DAS PALAVRAS, O OURO DA LINGUAGEM

Ronaldo Cagiano

A literatura contemporânea, na prosa e na poesia, tanto a brasileira quanto a portuguesa, guarda suas idiossincrasias, entre as quais, muitas vezes vemos o incensamento de mediocridades e a valorização do lixo dos apaniguados pelos fetiches do deus mercado, em detrimento de bons escritores que, pela qualidade intrínseca de sua obra e da trajetória bibliográfica, não têm merecido a devida e justa acolhida da crítica e da grande mídia, essa sempre hegemônica e monopolista.

Entre os escritores portugueses contemporâneos, destaco o jornalista, poeta e ficcionista Fernando Fitas como uma das aguçadíssimas vozes que deveriam ter melhor acolhida e recepção pelo sistema editorial, jornais e críticos de seu país, considerando um percurso de intensa produção, que vem contabilizando mais de uma dezena de prêmios importantes em Portugal e se destacado também por traduções para outras línguas e presença em diversas publicações no país e no estrangeiro.

Seu último livro, "Um corpo sob o pó", vencedor do Prêmio de Poesia Joaquim Pessoa 2022, vem coroar com novo êxito sua carreira, em cujo volume depara-se com uma escrita de depurada construção. Entalhada sob o espectro da memória, da revisita à sua terra alentejana (nasceu em Campo Maior, em 1957), da evocação de um passado que traz embutido a riqueza dos referenciais familiares, domésticos, culturais, históricos e humanos, seus poemas nascem permeados pelo amálgama de uma consciência estética (e por que não dizer também ética, pela reflexão social e político que carregam, sem o pecado do panfletarismo ou o vício do engajamento) e se utiliza dos signos da linguagem e do meticuloso uso de metáforas e imagens, conferindo ao conjunto alta voltagem estética. Como assegurou Annabela Rita, Presidente do Júri,



Fernando Fitas

"destaco, na obra vencedora, uma sólida e bem fundamentada arquitetura modelada na imagem de um ciclo terminando em expectância, assim como um excelente trabalho de linguagem e de imagística."

"Um corpo sob o pó" sequencializa um mapeamento muito peculiar, que vem singularizando todo o processo criativo do autor: o rito da memória como "leitmotiv" de sua intervenção criadora. Tal conexão com o passado, com a mitologia do Alentejo, recuperando todo um imaginário pessoal e coletivo, aí reside a substância de uma poesia que pulsa, que emerge de um delicado e íntimo observatório, constituindo-se numa poética das escrivências, centrada nas multidivências, na observação tanto da sua experiência existencial quanto de suas origens e os des(a)tinados do próprio país.

É muito salutar essa apropriação da memória e dos cenários que percorremos desde a infância e os períodos de nossa formação, sobretudo quando ela não se funda - como é na dicção de Fernando Fitas - em mero repositório de emulações nostálgicas, exacerbações sentimentais ou na tentação do autobiográfico. O que sobressai é a imanência do humano, do universal, daquilo que se comunica conosco e é atávico e ancestral à própria condição humana. Sob o pó dos anos o corpo poético de Fitas guarda o registro do que é essencial e profundo.

Colhe-se desse ofício especular de uma caminhada profunda-

mente marcada pelo olhar cirúrgico, que não se desvia nem das minúsculas e flagrante do cotidiano banal nem das tensões espirituais e dos tormentos psicológicos do ser imbuído em seu tempo, uma transcendência, um *pathos* entre a reflexão e o metafísico. Tudo estruturado pelo fecundo repertório verbal e uma adjetivação comedida e bem colocada, que dão ao conjunto uma sutileza e precisão que só estilistas ou ourives conseguem alcançar. Essa escrita visceralmente ligada às raízes (sem cair no reducionismo das lembranças ou na tentativa da sentimentalidade), contempla uma visão polifônica de mundos, com discreto acento crítico e com intertextualidade e diálogo com seus pares, remetendo-nos ao que disse Carlos Drummond de Andrade ("É o menino em nós/ ou fora de nós/ recolhendo o mito") e T. S. Eliot ("Esta é a utilidade da memória: libertação.")

Poeta de corpo e alma, Fernando, com sua escrita elaborada, versátil e cristalina e que não foge às questões e temas que nos atormentam, faz a crônica de seu perí-

plo humano e intelectual, pois sabe que "aquilo que nos marca tem a perenidade de todas as estações." É no encaixo de seu desassossego e suas perplexidades, que sentenciam chave de acerto de contas: "Foi esse meu futuro: correr a vida toda, colecionando estrelas, até perder o rumo de quantos planetas me habitavam o olhar", pois sabe que o lugar da poesia é onde podemos escandir nossas apreensões, exorcizar fantasmas e vencer obsessões, afrontando com a lâmina da palavra o "mondo cane" com suas mazelas e vicissitudes, o que nos leva a crer que na sua poesia Fitas está também a nos dizer, como Mario Quintana: "A minha vida só acontece nos poemas!"

Ronaldo Cagiano é escritor, poeta, contista, crítico literário e membro da Associação Nacional de Escritores. Reside em

Lisboa - Portugal.

ronaldo.cagiano@hotmail.com



"A maioria de nós não lembra que temos 8 bisavós, 16 trisavós e mais 32 tataravós, basta 1 desses nossos 60 antepassados ter sido italiano ou alemão, por exemplo, para ter o direito garantido à dupla cidadania."

completa Osmar.

A empresa trabalha com cidadanias Italianas, Alemãs, Portuguesas e Espanholas, incluindo modalidades às quais os clientes não precisam nem mesmo sair do Brasil.

Segundo Charlene Corti, Genealogista e sócia da EOS Cidadania: "Atualmente existem vias de reconhecimento mais baratas, eficazes e muitas vezes mais rápidas que as presenciais. Além dos clientes não precisarem mudar em nada seu cotidiano ainda podemos utilizar o mesmo processo para famílias inteiras, o que garante um valor que chega a mais de 80% de desconto e onde menores de 16 anos são reconhecidos de graça."

E você? Já pensou alguma vez em reconhecer sua cidadania e continuar a história de coragem de nossos antepassados em busca de uma vida melhor para você e sua família?

Se sim, basta só dar primeiro passo na direção correta.

A EOS Cidadania está disponível para esclarecer todas suas dúvidas através do whatsapp: +39 329 745 8235 ou das suas redes sociais:

Instagram: [@eoscidadania](https://www.instagram.com/eoscidadania)

Site: www.eoscidadania.com.br



DENISE EMMER: A casa que narra

Ronaldo Werneck

“Lanterna aguardou a madrugada profunda para levar o corpo que, de tão leve, por vezes o vento corria com ele na frente. Céu seguia um passo atrás do cortejo. O corpo pesava qual a pena de um voador distante e parecia querer seguir solitário, como se não precisasse de séquito. Eu os acompanhava com meus olhos de vidraças transparentes quando o orvalho chorava por entre as frestas. Um ruído longínquo, se houvesse, seria a voz do adeus e o soar do silêncio”.

Recebi há poucos dias da Editora Bertrand do Brasil “O barulho do fim do mundo”, o novo romance de Denise Emmer. É dele o trecho acima, que denota a riqueza de imagens da narradora, não supostamente a escritora – mas sim uma casa ancestral, em decadência. A casa que narra é uma bem sucedida “trouvaile” de Denise. E o livro me chega exatamente agora, quando estava ouvindo o seu belo cd “Mapa das horas”, com várias composições suas e outras que musicou de poetas portugueses do século XVI, e relendo dois livros que a poeta carioca me enviara há algum tempo – “Poema Cenário e outros silêncios” e “O Caval Cantor e outros contos”.

É grande e instigante a dimensão criadora de Denise em termos literários, mesclando sua escrita com conhecimentos advindos de sua graduação em física e música. E há sempre um quê de poético em sua escritura. Na concepção de seus romances, dos contos, dos poemas, essa capilaridade no ato da criação se espalha, e é sempre impregnada aqui e ali também por citações musicais com algumas pitadas de física. Graduada em violoncelo pelo Conservatório Brasileiro de Música e violoncelista da Orquestra Rio Camerata, Denise é compositora precoce e de grande talento, tendo criado vários temas para telenovelas da Rede Globo desde os anos 1970.

Denise Emmer, romancista. Denise Emmer, violoncelista. Denise Emmer, compositora. Denise

Emmer, contista. Denise Emmer, física. Denise Emmer, poeta. São muitas as Denises e todos os Emmers que encontramos em uma rica trajetória lítero-musical que já rendeu inúmeros discos (alguns com tiragens alcançando as 300 mil cópias), vários prêmios e 23 livros publicados.

Há em “Poema Cenário”, dedicado a seu pai, o dramaturgo Alfredo Dias Gomes – e que dá título ao livro “Poema cenário e outros silêncios” –, dois momentos a pontuar e traduzir a sutileza e a força de sua poética, que modela e extravasa tudo o que escreve – conto, romance, poema: “Se à noite adormeci com tua vida/ Ao despertar foste súbita partida”. E, logo à frente: “De manhã minha avó varre o pó do espaço/ Para debaixo das pedras// E o dia amanhece como se nada houvesse/ E a vida prossiga a anular compassos/ A vida prossiga a desmanchar teu rastro”. Onde, com cortes precisos, Denise faz com que a anáfora dos dois últimos versos ressalte “a perda que se perde”, se esvai – e, com contida emoção, a dor que salta daquela metáfora estendida e lancinante: o rastro a se desmanchar.

O barulho poético

Os vários “instantâneos poéticos” com que nos deparamos em quase todas as páginas de “O barulho do fim do mundo” demonstram como a poesia, força maior, se faz presente em toda a escritura de Denise. Vê-se isso logo a

partir da primeira página, onde a casa – que é a narradora do romance, e aqui o pulo do gato da autora – nos conta das agruras de Amiudinha, personagem principal: “Varría a poeira para debaixo das sombras e por lá ficava um tempo, com a cabeça enfiada numa caixa onde a noite não clareava nunca. E chorava rios turvos que desembocavam no seu quarto de três paredes”. E logo a seguir: “Amiudinha indagava-se por onde deveriam vagar seus pensamentos... E em que reta seguiriam seus olhos para avistar uma ponte para o sol, com mãos a empunhar um florim de vento... Esses os restos que lhe cabiam. Restos de tarde entre frestas de sol baixo”.

Drummond chamou um dia a novelista Janete Clair de “Usineira de sonhos”. A novela “Saramandaia”, de Dias Gomes, foi vista por muitos como realismo fantástico. Filha dos dois autores, em “O barulho do fim do mundo” Denise Emmer nos traz uma história que, não por acaso, parece oscilar entre o sonho e o realismo fantástico. Uma história que nos é narrada por uma casa ancestral, uma casa que se regozija com os tempos áureos de seus moradores ao falar dos idos de fausto: “Por meus salões, capas de déspotas monarcas já se arrastaram em tempos de brasões e hipócrita grandeza... Houve ainda um tempo de cantigas... Um mestre com seu piano esvoaçado fazia-me cerrar as pestanas das minhas janelas para so-



nhar as cores das harmonias... Minha chaminé exalava a fumaça do arco-íris quando, no salão, de um prisma sobre o aparador nascia o espectro da luz”. E aqui nota-se o cuidado, a precisão de Denise ao colocar as palavras – “cores das harmonias, prisma sobre o aparador” – ao inserir nas frases menções à música e à física, duas disciplinas que domina.

É também uma casa que se revolta e sofre com a sujeira de agora, a decadência, as agruras e o sofrimento de parte de seus moradores atuais, como Amiudinha, sua filha Céu e o cão Lanterna. Não uma casa como aquela inventada por Vinicius de Moraes, aquela casa muito engraçada, que não tinha teto, não tinha nada. Que ninguém podia entrar nela, não. Porque na casa não tinha chão. E ninguém podia dormir na rede porque na casa não tinha parede. Já a casa criada por Denise possui toda essa estrutura que falta na de Vinicius. Mas, ao contrário da dele, ela vive, se alegra e sofre como se humana fosse.

“Eu ventava meus telhados. Deixava a noite com seus corvos e fantasmas açoiarem meus tijolos. Doíam-me as paredes altas, como ombros de homens que carregavam o mundo. Quase levitava, não fosse eu uma casa de 200 anos que abrigou gerações de infelizes e ladras e canalhas com dentes de ouro. Então eu abrigava uma pequena família que me corria os alicerces”.

A mãe e o padrasto, que se arrastavam “em um tango desle-

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 150,00

Semestral: R\$ 75,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil.

Banco Bradesco - agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: (11) 97358-6255 ou rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255



Denise Emmer

xado, sem aprumo... Da vitrola velha, saía uma música de ritmo marcante, onde o bandoneon bradava um desespero cortante. O violino, gritos agudos de mulheres espancadas, e, a flauta, o choro dos pássaros sem penas". Isso enquanto Amiudinha "os observava atrás do armário. Podia-se dizer que sua vida se resumia a olhadelas de cantos". Pau pra toda a obra por imposição do padrasto, maltratada, esquelada, mal alimentada, de início vivendo sozinha no sótão, em meio às cinzas da chaminé, Amiudinha é uma espécie de ersatz da Gata Borralheira.

Eu sempre marco a caneta tudo que me parece destacável nos livros que leio. O que não aconteceu com "O barulho do fim do mundo", de tal forma fui envolvido pela trama criada por Denise, perdão, pela casa que narra o romance. Só depois de fruir a história e repensar o seu final, a casa se esvaindo, asfixiada pelos detritos largados pelos atuais moradores, tudo representado sob a forma de palavras soltas na página, com corpos maiores e menores se alternando a negritos, em meio à profusão de espaços em branco – semelhança visual com um poema concreto: a página que respira, em contraposição à casa, que arfa em seus momentos agônicos. E, na sequência, uma série de perturbadoras e inexplicáveis equações – pelo menos para mim, medíocre aluno de física e matemática.

Foi então que me dei conta de "O barulho do fim do mundo" necessitar, agora sim, de uma segunda leitura, como sempre faço, pausada, caneta à mão. Acabei mar-

cando quase o livro todo, tal a precisão, a beleza das palavras conduzidas por Denise Emmer, perdão, pela casa ancestral. E tão distraído fiquei, a ponto de fazer um parágrafo desse tamanho aí de cima, povoado por vírgulas, sem sequer um ponto. Fui envolvido, literalmente tomado pelo livro de Denise Emmer. Espero que, ao lerem esse "O barulho do fim do mundo", vocês tenham o mesmo prazer que tive.

Com graduação em física e música, a poeta, romancista e violoncelista carioca Denise Emmer já lançou 23 livros e tem vários prêmios no currículo, aqui e acolá, no Brasil e no exterior. Entre eles, Alceu Amoroso Lima Poesia e Liberdade, APCA, José Martí (Unesco), Pen Clube do Brasil, Prêmio ABL de Poesia e Prêmio Bilac (ABL). Seus poemas já foram publicados em antologias nos Estados Unidos, Espanha, Itália e Turquia.

"O barulho do fim do mundo" – Editora Bertrand Brasil, 168 pp – Rio de Janeiro, 2023.



Ronaldo Werneck é escritor, poeta, jornalista, editor, crítico, ensaísta, tradutor e membro do Pen Clube do Brasil.

Selvagem e libertador

Rosani Abou Adal

Miski* e parafina,
invenção árabe de mascar.
Chiclete de vida longa
com gosto selvagem e libertador.
Conservado em água
pode ser mascado
durante todo o mês
sem perder o gosto.
Adams não foi por acaso,
o chiclete é árabe.
Resina de cor transparente,
o Miski é retirado da casca
da aroeira mediterrânea.
Misturado com a parafina,
a goma de mascar
não gruda nos dentes,
exala seu sabor libertário
corpo a dentro num simples mascar.
Lembranças da infância me acompanham,
o gosto do miski
amanhece e floresce
na minha boca
selvagem e libertária.

*Miski - resina árabe, tempero doce, em forma de cristal, usada para fazer doces e sorvetes. Quando criança mascava o miski com um pedaço de parafina e virava goma de mascar. Meu chiclete, que durava um mês conservado na água, era a inveja das crianças do colégio que nem sempre tinham acesso à goma de mascar.

Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Seus poemas foram traduzidos para o espanhol, francês, grego, inglês, italiano e húngaro. Autora de Mensagens do Momento, De Corpo e Verde, Catedral do Silêncio e Manchetes em Versos.
www.poetarosani.com.br



Sebo Brandão São Paulo

**Compra e venda de livros usados
em todo o território nacional.
Fazemos encadernações.**

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

**Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>**



AMÉRICA LATINA

Ara Nasilov

Olhos vidrados à força por
reter as amargas lágrimas.
Franziu a testa
devido às feridas profundas e traição.
Seus lábios ferozes para calar os
abusos e injúrias pronunciados.
Oh, minha América!
Que doce agonia saber que você é minha!
Seus ombros carregam lutas
desalmadas, em carne viva.
Seus braços resistem, não baixam,
apesar de tudo, sem razão.
Suas mãos calejadas, enegrecidas,
ásperas, quentes, cheias de amor.
Seu ventre exausto de parir
ergue-se em verde umbigo
e dele nascem rios, riachos,
montanhas e selvas,
desertos, colinas e planícies.
Oh, minha América!
Que doce agonia saber que você é minha!
Suas pernas bronzeadas pelo sol bravo
são uma oferenda ao lar caído,
oferecem coxas, músculos teimosos
no caminho de pastagens e cascalho.
Seus pés deixam pegadas
por muito mais de um milênio;
Você é traço ancestral e a lua
e as estrelas sabem de seus tormentos.
Terra rachada oferece cactos em cada
canto desabrocha uma flor
porque a América toda
é piedade, pétala e reclamação,
sofrimento, tronco e negação,
vergonha, fruto e pranto,
América, América, doce e triste flor.

Ara Nasilov - Buenos Aires, Argentina - é escritora, poeta, contista, professora de Literatura, pós-graduada em Escrita Criativa e Comunicação e vice-presidente da Organização Cultural Nações Unidas de Letras e Sementes da Juventude Siglo XXI. Autora de Educação na Escola: uma porta aberta para a construção do Ser Artista, Borboletas na cabeça (Ed. El Ángel) e Soñando entre versos (Niña Pez Ediciones).



O MUNDO JÁ NÃO É MEU

Sonia Sales

Volto assustada
O mundo já não é meu
não tenho nada.

Sou um clichê de mim mesma.
O betume cola meus dedos
ensaboados de tristeza,
os olhos secos sem brilho,
de verdes, estão negros.

Tento barganhar com a vida
mas o assédio dos deuses
ao meu destino ambíguo
vai levando para bem longe
o bálsamo do teu amor.



Sonia Sales - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, ensaísta, membro da Academia Carioca de Letras, da Academia Luso Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Sociedade Eça de Queiroz - Rio e do PEN Clube do Brasil.

o formão do tempo
passou em meu corpo
cega e surdamente
sob sóis inclementes
e ventos constantes
esculpiu diariamente
formatos desolados
de paisagens lunares
e rios de desgostos
formatos de desertos
e sonhos derrotados
no molde do meu rosto

Akira Yamasaki - São Paulo (SP) - é escritor, poeta, agitador cultural e diretor da Casa Amarela - Espaço Cultural.



LUARES

Débora Novaes de Castro

Um amor remanescente
rumo às terras de além mar,
eu que já, tão de repente,
vi-me só, sob o luar.

Um amor que indo embora,
eu num mar, um mar sem fim,
já sem lemes, vago agora,
velo um sonho, querubim.

Nesse mar que revigora
no infinito de além mar,
alma entoada, canta e chora
sonhos louros ao luar!

3º Lugar Débora Novaes de Castro - XIV CONCURSO LITERÁRIO POETA ZÉ MITÓCA Realização UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES-UBT OCARA-CE e Biblioteca Poeta Zé Mitóca - 27 de Junho de 2023.



Débora Novaes de Castro - São Paulo (SP) - é poeta escritora e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP.

www.deboranovaesdecastro.com.br

Corpo e Alma

Isabel Furini

Nada sei desse céu
que contempla a eternidade
pois como humana
sou corpo e alma
um corpo que obedece ao tempo
(minutos, horas, dias, anos)
e uma alma que foge dos triviais inventários
rasga mordanças
e se alimenta de sonhos temerários
pois tem sede de céu e de infinito

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de Os Corvos de Van Gogh (poemas), entre outros. Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).





Identidade Filosófica

João Barcellos

A leitura do mundo que somos oferece-nos paisagens humanas interessantes, porque em cada uma delas está um sítio e está um povo, talvez até uma pessoa que pensa estar isolada do mundo!

Uma ação aqui e outra a milhares de quilômetros têm mais em comum do que se pensa: as forças da galáxia que nos oferecem a vida neste espaço, cujo tempo é definido por essas forças e muito além da nossa evolução, traçam rotas cósmicas que ligam no modo funcional a fauna e a flora; por isso, se as migrações vegetais e animais se alcançam em determinado momento existencial, a percepção de que nós temos a mesma amplitude vivencial é a primeira leitura. A segunda, está no facto de sermos cerebralmente avançados neste espaço-tempo, o que nos leva a acreditar que podemos criar divindades e nelas depositarmos as interrogações que temos acerca de nós mesmos.

O ato filosófico, se aliado/engajado a um humanismo crítico, não precisa de guias espirituais ou messias, já que a pessoa precisa apenas de consciência livre para entender o que é em si mesma e, a partir de si, ocupar o espaço cujo tempo é a sua mortalha anunciada desde o nascimento. O cotidiano humano é uma aventura pela civilização, mas tropeça na ignorância sobre o ser, já que está e se entende como tal em sua circunstância.

Profetas de vários altares/tempos dizem-nos ser imprescindível um estar equilibrado com o apelo espiritual (que na fase tribal tornou-se o cajado artificial), o que permite à sociedade a busca pela sua identidade, no sítio-raiz e entre outras pessoas ou grupos.



João Barcellos - Cotia (SP) - é escritor, poeta, historiador, ensaísta e romancista.

Edição Ampliada

A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020), Mário Augusto Medeiros da Silva, 2ª edição revista e ampliada, Edições SESC São Paulo, 592 páginas, R\$ 65,00. ISBN: 978-85-9493-242-6.

O autor é sociólogo, escritor e professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A obra, atualizada e ampliada, abrange mais duas décadas do que a versão anterior, publicada em 2013, que compreendia de 1960 a 2000. A nova edição tem mais um capítulo intitulado "Pequena história sociológica de livrarias e editoras negras (1972-2020)".

Edições SESC: <http://www.sescsp.org.br/loja>



Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

SEMANA EUCLIDIANA 2023

Márcia Rosa

A Semana Euclidiana, realizada pela Casa de Euclides da Cunha, Prefeitura Municipal de São José do Rio Pardo e Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, será realizada de 9 a 15 de agosto, em São José do Rio Pardo (SP).

Organizada por várias personalidades, entre elas, a curadora da casa, Ana Paula Lacerda - abaixo texto em que ela foi entrevistada por uma jornalista do Itaú Cultural.

NASCIMENTO DA SEMANA EUCLIDIANA

Segundo a curadora da Casa Euclidiana, Ana Paula Lacerda: "...a Semana Euclidiana iniciou-se em 15 de agosto de 1912, três anos após a trágica morte do escritor, quando um grupo de amigos decidiu fazer uma romaria com o objetivo de homenagear a memória e a obra do grande escritor. Amizade que nasceu no período em que Euclides residiu na cidade de 1898 a 1901.

Essa romaria saía de sua residência, atual Casa de Cultura Euclides da Cunha, até a Cabana às margens do rio Pardo, que era considerado seu escritório e de onde fiscalizava a construção da Ponte Metálica e escrevia o livro "Os sertões".

Os rio-pardenses, preocupados com o rumo que levaria a memória de Euclides da Cunha, que é uma das maiores figuras da história do Brasil e com suas obras, sendo a mais conhecida "Os sertões", escrito em São José do Rio Pardo, considerado por muitos como "Bíblia da Literatura Nacional", por iniciativa do Dr. Oswaldo Galotti e outros euclidianos, criou-se em 1938 a Semana Euclidiana, de 9 a 15 de agosto, com o objetivo ensinar, difundir, divulgar e cultivar a memória do escritor.



OBJETIVOS DO EVENTO

Ao longo dos anos, a Semana Euclidiana vem se aprimorando, muitos eventos vêm sendo anexados, e é muito relevante principalmente para a cultura rio-pardense. Uma vasta programação vem sendo desenvolvida durante o evento, em níveis intelectual, cultural, esportivo e cívico.

O início desta semana acontece com um belo desfile de alunos que representam as escolas da cidade e dos quatro cantos do país, além de outras entidades, culturais e esportivas.

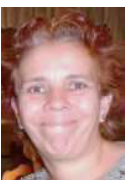
Durante todo o evento são ministradas oficinas culturais, aulas e palestras para os participantes do evento e público geral.

Com o apoio de intelectuais, professores, pesquisadores e alunos (maratonistas), a Semana Euclidiana é considerada um momento único e privilegiado de discussão, de aprofundamento e de difusão do pensamento euclidiano, bem como da possibilidade de um maior desenvolvimento acadêmico e profissional, que possibilita um intercâmbio cultural entre os participantes.

Informações e programação:

<https://www.facebook.com/casaeuclidiana/>

Márcia Rosa é escritora, poeta, jornalista, formada em Comunicação Social na PUC e em Letras - Português pela USP.





Patrícia Galvão - Pagu

A Pagu - Patrícia Rehder Galvão será a autora homenageada da 21ª FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty - que será realizada de 22 a 26 de novembro, em Paraty (RJ). Pagu nasceu em 9 de junho de 1910, em São João da Boa Vista (SP). Faleceu em 12 de dezembro de 1962, em Santos (SP). Foi jornalista, dramaturga, poeta, tradutora, cartunista, crítica cultural e militante do Partido Comunista. Atuou nos movimentos modernista e feminista e lutou contra o fascismo. Autora dos romances *Parque Industrial*, em 1933, com o pseudônimo de Mara Lobo, e *A Famosa Revista*, publicado em 1945 em colaboração com Geraldo Ferraz, com o pseudônimo de King Shelter. Publicou o opúsculo *Verdade & Liberdade*, em 1950, pelo Comitê Pró-Candidatura Patrícia Galvão pelo P.S.B. A obra *Safra Macabra* reuniu contos policiais. Participou da Revista da Antropofagia, O homem do povo/A mulher do povo, A platéia, A vanguarda socialista, dentre outras publicações. www.flip.org.br

Plínio Martins Filho, professor e editor, foi agraciado com o Prêmio Rubén Bonifaz Nuño que é promovido pelo Instituto de Investigaciones Filológicas, do México. A láurea será entregue no dia 29 de agosto, na Feria Internacional del Libro de las Universitarias y los Universitarios, na Cidade do México.

O Festival Literário Arena da Palavra será realizado de 7 a 30 de julho, em 20 livrarias de São Paulo. O evento, uma realização do Polo Cultural, através da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura, abrigará batalhas de slams, lançamentos de livros, debates, homenagens, entre outras atividades. <https://arenadapalavra.com.br/>

A 31ª Convenção Nacional de Livrarias, promovida pela Associação Nacional de Livrarias, será realizada nos dias 30 e 31 de agosto, no Rio de Janeiro. <https://www.anl.org.br/>

Tatiana Amaral, Juliana Dantas, Evy Maciel e Nana Simons publicaram *A Irresistível Face da Mentira*, selo Abajour Books, pela DVS Editora.

O Prêmio Off Flip de Literatura agraciou *O grande saque*, de Andrea Dórea, na categoria Crônica; *As tâmaras maduras*, de Jovina Benigno, em Conto; e *Tessitura*, de Antônio de Pádua Barros, em Poesia.

Notícias

Marina Colasanti foi agraciada com o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da sua obra. Ela receberá a importância de R\$ 100 mil.

O Selo Especial em Homenagem a Lygia Fagundes Telles será lançado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos no dia 20 de julho, às 18h30, na Academia Paulista de Letras, Largo do Arouche, 324, em São Paulo.

Andreia Donadon Leal e J.B. Donadon-Leal tomaram posse na Academia Juiz-forana de Letras. Os novos acadêmicos foram saudados pela presidente da Academia Cecy Barbosa Campos e José Renato Amorim. Andreia Donadon Leal lançou o *Diário de uma Artista no Pensionato* no encerramento da solenidade.

Brenda Mata, membro da Academia Jovem de Letras de Campos do Jordão, lançou seu primeiro livro solo *Inventário de Sonhos Perdidos* com poemas e textos de prosa poética, de forma contundente, sobre a realidade da adolescência e seus conflitos.

Michael Rosen, autor de obras infantis, foi agraciado com o prêmio PEN Pinter Prize de 2023 que é promovido pela Fundação PEN.

Enquanto houver limoeiros, de Zoulfa Katouh, com tradução de Laura Folgueira, foi lançada pela Verus. A obra, que tem como cenário a guerra da Síria, é narrada pela estudante de farmácia Salama Kassab que trabalha como voluntária no hospital de sua cidade.

Eduardo Machado lançou o romance *Na Toca dos Guarás* pela Editora Devaneios. A história se passa, numa fazenda em Goiás, seis anos depois do golpe militar de 1964.

Maurício Alcântara, antropólogo, lançou *São Paulo, a Cidade na Escala Hipster* pela editora Telha. A obra é resultado de um estudo do autor para se investigar as causas que motivaram os jovens de classes média e alta a se interessarem por bairros como Santa Cecília, Vila Buarque e Consolação.

O Festival Literário Internacional de Pomerode - Flipomerode - será realizado de 9 a 13 de agosto, no Centro Cultural de Pomerode, Rua Hermann Weege, 91-103, Centro, em Pomerode (SC).

Carlos Moura lançará o livro de poemas *São Paulo Absoluta!* no dia 29 de julho, sábado, a partir das 13 horas, durante o Sarau do Jornal Centro em Foco que ele coordena, no restaurante Cama & Café, Rua Roberto Simonsen, 79, metrô Sé, em São Paulo.

Viagem Literária, em sua 15ª edição, faz parte do programa realizado pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, que será realizado de julho a novembro em 72 bibliotecas das cidades do Estado de São Paulo. O programa abrigará oficinas virtuais de escrita criativa com foco na literatura brasileira no século XXI.



Carlos Frydman

Carlos Frydman, escritor e poeta, faleceu no dia 18 de junho, em São Paulo. Nasceu em 15 de novembro de 1924, em Varsóvia, Polônia. Colaborador do jornal literário *Linguagem Viva*. Exerceu o cargo de vice-presidente e de diretor, em várias gestões, da União Brasileira de Escritores. Foi o idealizador do Mutirão Cultural da UBE. Autor do livro de poemas *Sintonia*, *Trilogia das Buscas* e *Os Caminhos da Memória*. O livro *Trilogia das Buscas* foi traduzido para o inglês.

Glafira Menezes Corti e Cris Arantes participaram do Encontro de Música e Poesia promovido pela Academia Nacional de Ciências, Letras e Artes, realizado em junho, com apoio da Escola de Música Varela, na Bamberg Bier Micro Cervejaria, Av. Afonso Pena, 507, em Santos (SP).

Adriana Del Ré, jornalista, lançou, pela Editora Letras do Brasil, *Conversas Sobre MPB* que reúne 30 entrevistas publicadas pela autora no jornal O Estado de S. Paulo entre 2002 e 2020. Dentre os entrevistados, Maria Bethânia, Ney Matogrosso, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Rita Lee, Gal Costa, Chico Buarque, Gilberto Gil, Adriana Calcanhotto, Arnaldo Antunes, entre outros nomes da MPB.

Nizan Guanaes, publicitário, receberá no dia 21 de julho, às 20 horas, no Petit Trianon da ABL, a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pela campanha em torno do aniversário de 125 anos da instituição que foi comemorado em 2022.

O 37º Festival de Arte Contemporânea Psi Poético, com o tema "Gente", está com inscrições abertas até o dia 30 de julho. O evento, realizado de 4 a 12 de outubro, em Montes Claros (MG), é promovido pelo Grupo Teatral Transa Poética com o apoio da Prefeitura de Montes Claros. Informações e inscrições através do email psiupoetico@gmail.com.